

## CARTA PEDAGÓGICA AOS EDUCANDOS DA EJA

Amanda Machado Mugica dos Santos <sup>1</sup>

Bagé, 10 de dezembro de 2025.

Queridos(as) estudantes da EJA da Escola Bidart,

Ao final deste semestre letivo, escrevo esta carta como gesto de escuta e devolutiva afetiva, inspirada pela pedagogia do diálogo de Paulo Freire. Nossos encontros em sala de aula, nos corredores, nos círculos de conversa e nas produções textuais revelaram que a EJA não é apenas uma modalidade de ensino: é um território de reexistência, partilha e transformação.

No segundo semestre de 2025, estivemos unidos(as) no Projeto de Leitura "Abrindo Caminho – Possibilidades ao Conhecimento", experiência pedagógica que envolveu oito turmas da EJA, incluindo três de alfabetização (T3, T4, T5) e duas turmas T6. O projeto foi inspirado na obra de Ana Maria Machado, mas também se alicerçou fortemente nos princípios freirianos, pois partiu da convicção de que toda pessoa é um sujeito de saberes e que a palavra tem o poder de abrir mundos. Em nossas vivências pedagógicas ao longo deste semestre, ficou evidente o quanto a escuta ativa e o acolhimento das histórias de vida dos(as) estudantes fortaleceram o processo educativo. Como nos ensina Paulo Freire, "*não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes*" (FREIRE, 1996, p. 32). A partir desta compreensão, reconhecemos que a sala de aula se torna um espaço de trocas, onde o conhecimento se constrói no entrelaçar dos saberes populares, das experiências cotidianas e da leitura crítica da realidade.

Freire (1996) nos lembra que "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*". Foi isso que buscamos construir em cada atividade: um espaço de criação, de autoria e de sentido. Longe da lógica do ensino bancário, o projeto valorizou o saber de vocês, suas vivências, trajetórias e sonhos. Cada produção — seja uma frase ditada, uma

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional, Especialista em Metodologia do Ensino de Artes e Pós graduada em Gestão de currículo na formação docente, Mestre em Ensino. Professora na EJA da Rede Municipal na EMEF Bidart.

crônica, uma colagem ou um poema — foi um exercício de afirmação e pertencimento.

Vivemos a leitura não apenas como decodificação, mas como um ato político e estético, como Freire defendia. "*A leitura do mundo precede a leitura da palavra*" (1983, p. 11), e foi justamente a leitura do mundo de vocês — com seus desafios, conquistas, perdas e esperanças — que deu sentido ao trabalho pedagógico. A cada glossário montado a partir da música "Águas de Março", a cada texto com imagens da vida, cada um(a) de vocês reescreveu sua própria história com coragem. Esta prática de leitura crítica também nos levou a refletir sobre os discursos que circulam em nossa comunidade e como eles moldam subjetividades. Freire (1983) nos alerta para os perigos de uma educação que silencia, que impõe uma narrativa única. Ao contrário, nossa proposta buscou provocar o pensamento e abrir espaço para múltiplas vozes. Cada glossário, cada crônica trabalhada, cada produção oral foi um ato político de resgate da palavra como ferramenta de consciência e transformação. Nas turmas de alfabetização, vimos a palavra ganhar corpo em traços, desenhos, frases ditadas com mediações e pequenas narrativas. Já nas turmas mais avançadas, os textos se expandiram em manifestações de crítica, humor e resistência. A leitura das crônicas de Luis Fernando Verissimo, por exemplo, provocou debates sobre desigualdade, exclusão e educação — mas também rendeu risadas e reconhecimento. "Aula de Redação" e "O Analfabeto" foram textos que nos permitiram rir de nossas dores e nos ver como protagonistas.

O Sarau da EJA, momento culminante do projeto, acontecerá em breve, como uma celebração das vozes e das produções construídas ao longo do semestre. Será um ato público de autoria. Será o dia em que a palavra de cada educando(a) ocupará o espaço simbólico da escola, e com ela, toda uma história de esforço, pertencimento e esperança. O sarau, portanto, não será apenas um evento de encerramento. Ele representará um momento de reexistência e afirmação identitária. A presença de cada um e cada uma no palco será, como diria Freire (2000), uma forma de "gritar sua existência" através da palavra. É nesse sentido que compreendemos a alfabetização não apenas como técnica, mas como gesto de libertação — onde o ato de ler e escrever se vincula profundamente ao direito de existir e resistir. Como nos lembra Freire, esse é o tempo do inédito viável — aquilo que parecia impossível, mas que, pela força coletiva e pelo compromisso com a escuta, se torna real.

Este projeto reafirma que a EJA precisa ser pensada com tempo próprio, com respeito aos ritmos dos sujeitos, com afeto e escuta verdadeira. O saber não pode ser medido apenas por testes, mas precisa ser compreendido como construção contínua. Ao longo dos meses, as propostas foram adaptadas por totalidade, com atividades pensadas para cada fase da aprendizagem. Como orienta o Documento Orientador Municipal da EJA (DOM), o projeto valorizou a autoria, a identidade e o protagonismo dos educandos, favorecendo práticas que articulam leitura, escrita, oralidade e reflexão.

Não fizemos apenas leitura de textos literários. Fizemos leitura de mundo, leitura de si, leitura do outro. Como nos ensina Freire (2000), *"a esperança do verbo esperar exige ação, exige caminhar, exige não desistir"*. E vocês, ao virem para a escola mesmo após um dia exaustivo de trabalho, ao enfrentarem medos de escrever em público, ao se abrirem ao novo — esperanças.

Optar por retornar à escola na vida adulta é um gesto de coragem que precisa ser celebrado. Freire (2000) nos ensina que *"a boniteza da educação está justamente na possibilidade de recomeçar, de transformar o que parecia dado e imutável"*. Cada um(a) de vocês rompeu com o silêncio imposto pelas ausências escolares do passado e transformou a sala de aula em um espaço de voz, presença e dignidade.

De minha parte, sigo aprendendo com cada um(a) de vocês. Com sua coragem, com sua presença, com sua palavra. Como educadora freiriana, acredito que *"a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem"*, e que ensinar exige respeito, escuta, compromisso e sonho coletivo. Esta carta é, portanto, um convite para que sigamos esperando juntos, em sala de aula e fora dela, nos textos e nas entrelinhas, nas vozes e nos silêncios.

Dizer a vocês, estudantes da EJA, que sua presença importa é também afirmar o compromisso ético que temos com uma educação que não exclui, que não rotula e que não abandona. Como Freire afirmou em sua *"Pedagogia do Compromisso"* (2018), o(a) educador(a) popular precisa estar inteiro(a) no ato pedagógico: com o corpo, com a escuta, com o coração e com a palavra. Foi com esse espírito que estivemos juntos neste semestre — e é com esse espírito que seguimos. É fundamental lembrar que ninguém caminha sozinho(a). Aprender, como nos disse Freire (1983), *é um ato coletivo e amoroso, mediado pelo mundo que compartilhamos*. O que vivemos ao longo deste semestre foi mais do que o

cumprimento de um currículo: foi a construção de uma comunidade de aprendizagem, onde errar é permitido, perguntar é bem-vindo e ensinar e aprender se entrelaçam o tempo todo.

Terminamos o ano, portanto, com a certeza de que educar é semear em solo fértil. E esse solo é feito da escuta, do respeito, da palavra, mas sobretudo da esperança — não a esperança do verbo esperar, mas do verbo *esperançar*, como insistia Freire: “*levantar-se, ir atrás, construir, não desistir, levar adiante...*” (FREIRE, 2000, p. 68). Esperançar é o que fizemos juntos. E é o que seguiremos fazendo. Sigamos abrindo caminhos com palavras. Porque como bem sabíamos desde o início, a leitura liberta.

Com carinho, respeito e profunda admiração,

Amanda Machado Mugica dos Santos

Professora da EJA na Rede Municipal de Ensino de Bagé – EMEF Bidart

Palavras-chave: Leitura. EJA. Paulo Freire.

## **Referências:**

BAGÉ. **Documento Orientador Municipal da EJA**. Bagé: SMED, 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

*FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.*

MACHADO, Ana Maria. **Abrindo Caminho**. São Paulo: Ática, 2003.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.